

Federal pesquisa pré-história



Parte do material pré-histórico coletado em sítios arqueológicos da Região



Processamento de estudos arqueológicos no laboratório da universidade

Os mistérios que envolvem os primeiros habitantes do Nordeste estão sendo desvendados pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Os estudos abrangem os grupos pré-cerâmicos, cujo exemplar mais antigo (um esqueleto), comprovado pelo processo do Carbono 14, data de 6.640 anos. É também os grupos ceramistas — através da análise da cerâmica utilizada por esses grupos, consegue-se detectar o tipo de alimentação, rituais, rotas de migração, e, recentemente, também a estratificação social.

Explica o professor Marcos Albuquerque, diretor do órgão, que o estudo das peças mais antigas visa a fornecer um mosaico da pré-história nordestina. Os grupos pré-cerâmicos habitavam em cavernas, eram de economia caçadora e coletora (não produziam alimentos) e enterravam os mortos, normalmente em caverna e acompanhados dos utensílios em pedra, já que não conheciam, ainda, a cerâmica.

Quanto aos grupos ceramistas, existem em Pernambuco 100 mil peças da tradição cultural tupi guarani — já cultivavam a mandioca (o alimento básico), não mais habitavam em cavernas, e, sim, em cabanas. Possuíam cerâmica bem elaborada, com muita decoração pintada e plástica. Na decoração pintada usavam as cores vermelho sobre branco, preto sobre branco, preto sobre branco e engobo branco. Na decoração plástica era usado o acanalado, digitado, dígito-ungulado, e corrugado.

Atualmente, analisa-se no laboratório um material da tradição tupi guarani, subtradição pintada, oriundo de um sítio em Quipapá. A análise dos fragmentos fornece as informações básicas referentes às soluções adotadas pelos grupos pré-históricos (anteriores ao Descobrimento) para se adaptarem à área onde viveram.

O procedimento de laboratório para detectar todas estas informações inclui 35 itens, entre os quais a análise do método de manufatura por tipo básico e por forma. No sítio, cujos materiais estão em estudo, foram localizadas diversas cavernas com pinturas rupestres (gravura e pintura) e definidos diversos grupos pré-cerâmicos pertencentes ao período arcaico da ocupação pré-histórica do território pernambucano.

Em diversos locais de Pernambuco e do Nordeste foram identificados e escavados muitos sítios pré-históricos de grupos

ceramistas da tradição tupi guarani e da tradição Aratu.

PÓS-DESCOBRIMENTO

Dos grupos humanos posteriores ao descobrimento do Brasil, foram escavados e pesquisados cientificamente a Feitoria de Cristóvam Jacques, em Igarassu, onde ocorreu o primeiro encontro do europeu com o indígena em Pernambuco, e o Arraial do Bom Jesus, em Casa Amarela, mandado construir por Matias de Albuquerque em 1630, para reagir à invasão holandesa. Lá foi identificado o perímetro da fortificação, em função do poço, que foi totalmente escavado.

Também o Reduto de Tejucupapo, contemporâneo à invasão holandesa, onde a mulher pernambucana teria mostrado a bravura, onde foi localizado o fosso seco que circundava a fortificação. No Forte de Orange, em Itamaracá, só de balas de canhão foram retiradas mais de duas toneladas, além de balas de mosquete, grande quantidade de louça e sepulturas de oficiais (com as condecorações) e praças.

A Igreja da Divina Graça, em Olinda, representa o primeiro caso de uma restauração realizada no Brasil com base em escavação arqueológica. Trata-se da mais antiga igreja do País, com documentação — a primeira etapa de sua construção remota a 1.550. Nela foram encontrados cerca de 160 sepulturas dos primeiros padres vindos para o Brasil.

No Parque Nacional dos Guararapes, em Prazeres, foram localizados alguns utensílios bélicos e o cemitério dos primeiros soldados brasileiros. Ali foram comprovadas três técnicas de sepultamento: os soldados que morriam perto da tropa eram enterrados em posição tradicional e em covas individuais; os que tombaram longe da tropa, encontrados em rigidez cadavérica, foram sepul-

tados na posição em que estavam, em covas coletivas; e os que eram enterrados mais distantes já em estado de putrefação, eram recolhidos enterrados em covas coletivas.

PESQUISA DE CAMPO

No que se refere pesquisa de campo, equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE vem trabalhando com grupos ceramistas pré-históricos, buscando-se origem e difusão da cerâmica pré-histórica do Nordeste. O último trabalho realizado nesse sentido foi em Pau Ferro, São Lourenço da Mata. A equipe está preparando-se para ir a Amiripina, extremo noroeste do Estado em busca de dados para comprovar uma hipótese de penetração tupi guarani em Pernambuco.

Outro trabalho que está sendo desenvolvido é um estudo da ecologia da região, para enriquecer subsídios aos estudos arqueológicos — os dados ecológicos que são necessários à Arqueologia como a outras ciências não se encontram reunidos em um único trabalho. Por esta razão, a equipe está procurando sistematizar a coleta de suas informações, que serão publicadas ainda neste ano. A tarefa é praticamente concluída.

As informações ecológicas que estão sendo reunidas incluem dados como coordenadas geográficas precisas, siografia, clima, hidrografia, tipos de solo, vegetação natural, relevo, aptidão agrícola, ocorrências minerais entre outras.

O Laboratório de Arqueologia, do Departamento de História e Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco é dirigido pelo arqueólogo Marcos Albuquerque. A equipe de pesquisa é constituída por Sueli Luna, Ana Nascimento, Cláudia Alves, Silvana Andrade Lima e Clarice Alaves. Funcionando desde 1955, as pesquisas de laboratório e de campo são financiadas pela universidade.